

Objeto melancólico: a escultura como sinalizador de ausência

Adriani Ferreira de Araujo CEARTE/UFPel / Alice Porto dos Santos FURG¹

Martha Gomes de Freitas CEARTE/UFPel²

Resumo

O artigo que se segue apresenta algumas idéias e conceitos que pontuam o início desta pesquisa. Como ela encontra-se basicamente ainda em estado de projeto, este texto expõe as intenções de trabalhar aproximações entre a escultura, a melancolia e a ausência, levando em conta a articulação de textos e imagens, autores e obras.

Palavras-chave: Escultura, melancolia, ausência

O corpo tem também as suas graças: eu podia sentir o calor gerado pelo atrito entre a madeira *inexistente* do corrimão e a palma da mão direita.³

A pesquisa que apresentamos neste seminário encontra-se em sua fase inicial.⁴ Ela está sendo pensada a partir da necessidade de aprofundar o estudo da escultura,⁵ fazendo um recorte que pesquisará obras e autores que deem suporte para associações entre o objeto escultórico e a ideia de melancolia.

Para esta comunicação e publicação, o que temos neste momento é a experiência acumulada até aqui, que justificou o início de tal trabalho. Acharmos

¹ Acadêmicas envolvidas com a pesquisa, colaboradoras no artigo.

² Coordenadora da Pesquisa *Objeto melancólico: a escultura como sinalizador de ausência*.

³ RAMIL, 2008:169. Grifo nosso.

⁴ O projeto de pesquisa foi implantado no sistema da Universidade Federal de Pelotas este mês, junho de 2011.

⁵ Ao ministrar as disciplinas de Ateliê em escultura, percebo que certas imagens, de certas obras da história da arte ou mesmo da história recente, intrigam bastante os alunos por insinuarem, segundo as experiências já vivenciadas, este estado de melancolia. Ao fim das discussões chegamos até aí, a pesquisa quer avançar.

interessante apresentar um pouco deste percurso para que se compreenda que a pesquisa, para nós, encontrava-se em estado de suspensão já nas atividades que a antecediam. Também apontaremos o modo como iremos conduzir a pesquisa, a metodologia envolvida para o tipo de conhecimento que desejamos construir.

O interesse no assunto a ser abordado pela pesquisa, a escultura⁶ pensada através da ideia de melancolia, pode ser pautado por duas realidades que se cruzam, contaminando-se e enriquecendo-se. Uma delas é a minha experiência em ministrar no Curso de Artes, disciplinas relacionadas ao Ateliê de escultura, em vários níveis. Nesta atividade confronto-me diretamente com a curiosidade dos alunos e seus comentários, nas tentativas de leitura das imagens selecionadas como referência para os conteúdos abordados. É com certa freqüência que o termo melancólico surge para tentar dar conta do que é visto. A outra é a minha produção como artista plástica, que em determinados trabalhos já permite, no nosso entender, associar a ideia de melancolia.

Consideramos então, pautados nas colocações feitas em ateliê, até mesmo nos comentários mais simples, o interesse em pensar como a memória do corpo⁷ pode ser ativada a partir de certos objetos ou propostas artísticas que insinuam, quando analisados, um estado que neste primeiro momento chamamos de melancólico.

A pesquisa se propõe a aproximar este sentimento que é do sujeito, de objetos ou situações plásticas que por certas qualidades permitem tal estreitamento. Nesse trânsito, pegamos emprestado este estado melancólico, do sentido comum, associado a pessoas que encontram-se tomadas por melancolia, qualidade caracterizada por uma tristeza vaga e persistente.

Estendemos este sentimento, e o colocamos, pautados numa percepção inicial, como algo que pode ser sugerido quando os objetos em discussão são capazes de trazer certa ausência.

⁶ A pesquisa se pauta preferencialmente em trabalhos tridimensionais, mas não exclui obras em performance ou vídeo, linguagens que também são de interesse para o grupo, uma vez que parece possível considerar que certas obras nestes meios ainda estejam tratando de questões caras a escultura.

⁷ O corpo a que nos referimos é o nosso corpo, na figura do artista e do espectador, que envolvido na produção ou leitura da obra, se coloca num estado de confronto e reconhecimento a partir dos dados que estão presente nela. (dimensão, configuração, materiais, disposição, título, procedimentos, etc.).

A ausência nesta pesquisa, nesse momento, se coloca como alguma coisa que correlaciona uma lembrança do corpo, de suas ações e vontades, a objetos que permitem esta evocação. Nessa direção, nos parece possível ao mesmo tempo em que falamos de ausência pensar uma presença que aponta o que falta. Esse que aponta é o objeto, a construção plástica que nos permite pensar na falta. Estando assim, de modo intrinsecamente ligados, um se toma potencialmente em relação ao outro através da memória do corpo.

Por esse caminho, não é difícil imaginar uma realidade possível na frase a seguir, onde Nuno Ramos, em um de seus textos ainda repleto de um olhar extremamente próximo de sua sensibilidade plástica, narra sobre o desejo, colocando-o como algo que para nós, diz respeito a experiências sobrepostas, presenças e ausências alternando-se.

Eu desejo os seus ossos porque lembro da carne que havia neles.⁸

Levantadas estas ideias estrutura-se uma associação primeira para ser averiguada no percurso da pesquisa. A possibilidade de pensar que a melancolia está diretamente ligada à ideia de ausência como perda, como falta ou brecha que se coloca no espaço e no tempo. Alguma coisa esteve ali, a minha memória sobre o mundo diz que algo foi alterado, compreende um nicho sensível. Sendo assim podemos citar que:

O estado melancólico estabelece uma relação estreita com as coisas, na medida em que espacializa a experiência temporal.⁹

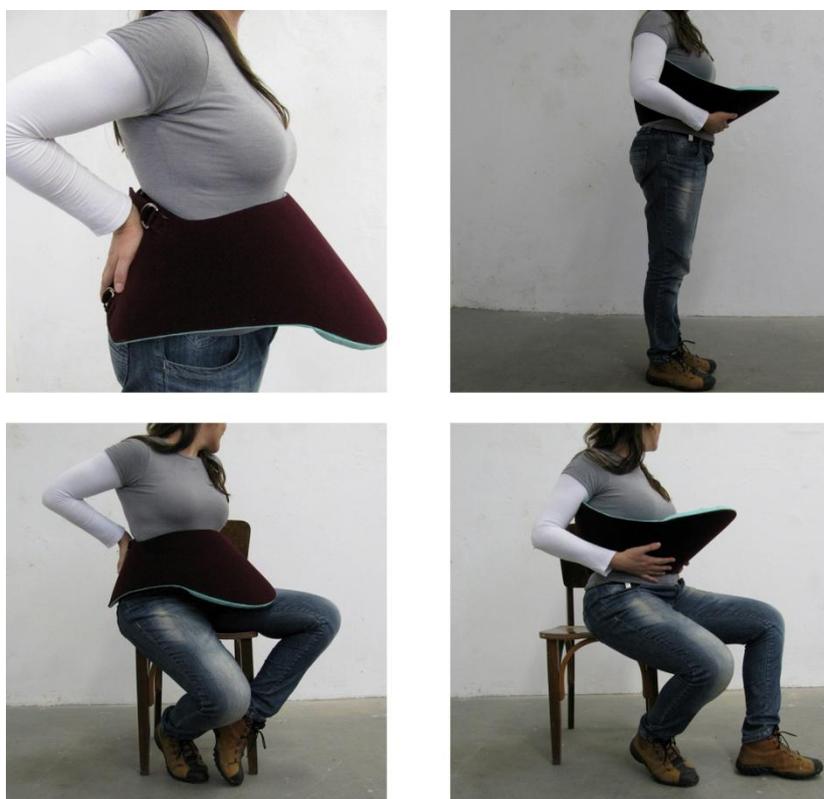
Esta pesquisa quer tratar como melancólico, sobretudo aquilo que se coloca numa espacialidade e numa temporalidade um pouco rebaixadas.

Retornando à minha produção, o outro aspecto colocado como antecedente para alinhar as ideias iniciais desta pesquisa, existe nela alguns trabalhos que podem ser usados como pontuações para já introduzir uma visualidade que indicaria as questões trazidas. Vou comentar dois deles.

⁸ RAMOS, 2007: 370

⁹ ZANETTE, 2007: 128

O primeiro é um objeto feito para o corpo e a partir dele, chamado de *Cômodo*.¹⁰ Este objeto em seu título já introduz duas aproximações importantes para os sentidos que ele quer evocar. Uma delas refere-se ao contato dele com o corpo, algo que pauta-se no conforto e na acomodação para colocar-se em ação, a outra traz consigo a função de habitar. Podendo ser usado de dois modos, com a parte côncava voltada para baixo ou para cima, *Cômodo*, vem acompanhado ainda no seu título das palavras *varanda* ou *colo*, respectivamente. Novamente indicando que é na alternância do encaixe para o corpo que está a sua possibilidade de evocar o outro, um espaço em espera.



Martha Gofre, *Cômodo, varanda ou colo*. Tecido, espuma, papel e fivelas. 2010

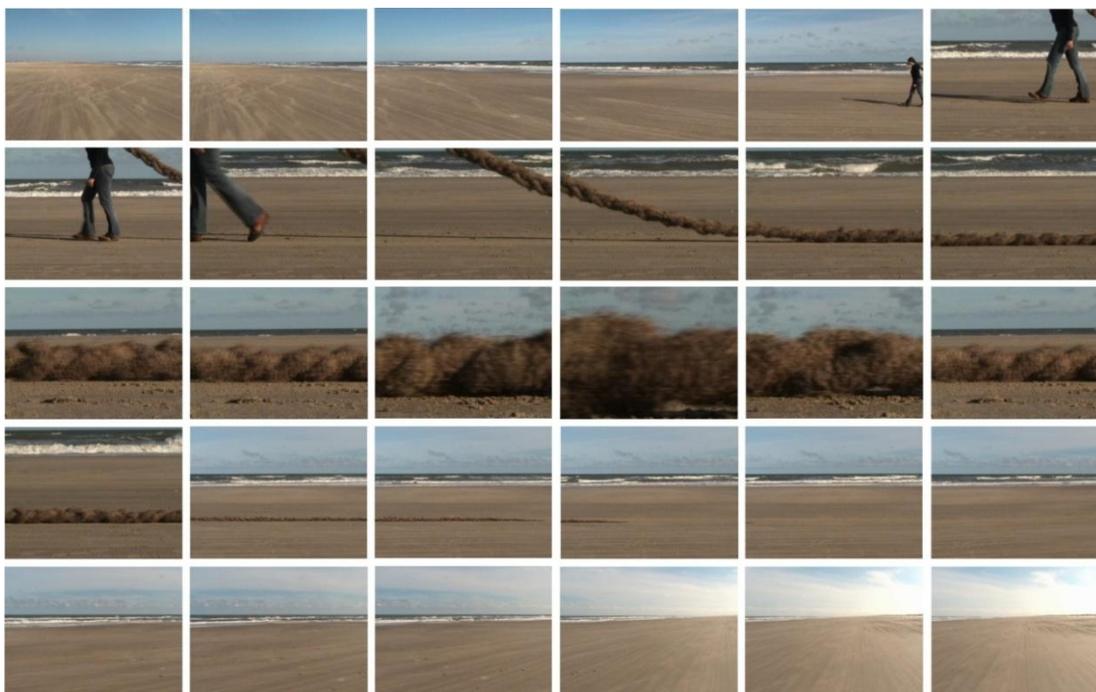
A melancolia neste trabalho, pode ser evocada pela ausência introduzida pela espera que se cria por este nicho, capaz de redimensionar o corpo de quem o utiliza. Esse volume que se coloca além do corpo, quer lembrá-lo da

¹⁰ *Cômodo* é uma peça que faz parte de uma série maior de objetos, todos articulados ao corpo, pensando-o na sua possibilidade de criar zonas de acomodação, aproximação e aconchego. Potencialmente são objetos dados a performance.

sua possibilidade de estender-se, de guardar o outro, de continuá-lo, de acomodá-lo junto de si.

O segundo trabalho é um vídeo. A pesquisa refere-se diretamente à investigação e reflexão sobre a escultura, que é minha área de formação e atuação sistematizada, contudo na minha produção plástica ainda há o interesse pelas linguagens do vídeo e da performance, por pensar que elas podem potencializar as relações que a escultura me oferece, sobretudo no que tange a materialidade das coisas, quando em relação a sua duração, seu modo de ser e dialogar com o corpo.

O vídeo *Maresia* então estabelece, entre outras, uma situação de sobreposição. Um corpo que se move alongado por um objeto preso a ele, e a paisagem, a praia, passados em revista pela câmera que faz um movimento circular e introduz o encontro. O deslocamento feito por esse corpo é completamente modificado pelo objeto associado a ele, uma trança desproporcionalmente longa, que quando a câmera, no meio de seu percurso, mostra-a alinhada ao mar, à linha do horizonte, permite pelo enquadramento e pela montagem um devoramento do mar pelo objeto.



Martha Gofre. *Maresia*. Vídeo 3min35 (seleção de frames). 2007

Tudo é relativizado na sobreposição entre o mar e a trança carregada pelo corpo. Os ritmos e as proporções são revistos nessa situação. A melancolia então, neste vídeo, acabaria sendo passível de ser discutida através da falta de agilidade deste corpo. Todo esforço de arrastar consigo não só o objeto preso a ele, mas a paisagem que vem junto, revela um pesadume bastante particular e rico nesse processo de associações.

Aliás, há ainda outra afirmação que pode amparar o que está sendo dito. Leila Danziger afirma:

Sabemos que a lentidão é um atributo do melancólico¹¹.

Voltando a ideia de alinhamento de conceitos, a metodologia para o trabalho compreenderá nos meses que se seguirão, a possibilidade de criar um tecido de referências que pontuem as entradas para as imagens que interessam ao grupo, permitindo em maior ou menor grau, confirmar as suspeitas que temos. Se:

*Texto quer dizer Tecido; mas, enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um **entrelaçamento perpétuo**; [...]*¹²

Não cabe neste momento querer destacar um conceito único para melancolia, termo chave para as considerações da pesquisa. Justamente é na possibilidade de articular diferentes pontos de vista ou conceituações, estratificando sutilezas, que reside a potência deste trabalho.

O tecido, o texto, será produto da inervação que cada trecho selecionado através das leituras feitas poderá provocar por cruzamento nas imagens elencadas. É importante esclarecer que não se trata da proposição de um espelhamento entre texto e imagem, muito pelo contrário, se há um *entrelaçamento perpétuo*, é porque há a possibilidade de criar ressonâncias, o que aponta para uma estruturação pautada na convergência, num jogo de aproximações que constrói um modo de ver.

¹¹ DANZIGER, 2007: 128.

¹² BARTHES, 2002: 74. Grifo nosso.

Pelo viés da sutileza indica-se que:

Não se trata, pois, dessa melancolia compacta e opaca, mas de um véu de ínfimas partículas de humores e sensações, uma poeira de átomos como tudo aquilo que constitui a última substância da multiplicidade das coisas.¹³

Pontuemos então o que é uma pesquisa em estado inicial, basicamente em projeto, como esta se encontra agora. Para nós é a vontade de colocar em relação uma infinidade de apontamentos, de imagens vistas, de ideias conversadas, de trechos destacados. Ressaltamos que para além de todos os autores que ampliam e instigam o que a experiência insinuava, o que nos conduz são as imagens. Estamos inseridos no contexto da arte.

Mas as imagens não aceitam ideias tranqüilas, nem sobretudo ideias definitivas.¹⁴

É por isso que esta pesquisa, no modo como a entendemos, quer construir uma possibilidade de leitura que entremeia os elementos escolhidos numa acolhida que não pretende de modo algum fechá-los em espaços definitivos. Ao contrário, queremos trabalhar a partir do princípio de associações, criando nichos que se comunicam, dando visibilidade e propriedade a cada consideração trazida, mas também entendendo que isto é uma construção que tem a durabilidade do interesse da própria pesquisa.

¹³ CALVINO, 1990: 33

¹⁴ BACHELARD, 1993: 19

Referências bibliográficas:

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DANZIGER, Leila. Imagens e Espaços da melancolia: W. G. Sebald e Anselm Kiefer in *Revista Brasileira de Literatura Comparada/ABRALIC*. São Paulo. n° 10, p. 127-146, 2007. Disponível em www.abralic.org.br.
- RAMIL, Vitor. *Satolep*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- RAMOS, Nuno. *Ensaio Geral: projetos, roteiros, ensaios, memórias*. São Paulo: Globo, 2007.
- ZANETTE, Luciano. *Mobiliário Melancólico: Inflexões poéticas sobre objetos incômodos*. Dissertação de Mestrado em Poéticas Visuais, Instituto de Artes, PPGAV, UFRGS. Porto Alegre, 2007.

Martha Gomes de Freitas – Martha Gofre

Artista plástica e Professora Assistente no Centro de Artes/UFPEL junto às disciplinas de Escultura desde 2006. Formação: Mestrado em Poéticas Visuais PPGAVI/UFRGS (2005); Especialização em Linguagem Plástica Contemporânea CEARTE/UDESC (2001); Bacharelado em Artes Visuais – Escultura ILA/UFPEL (1996).